

POR UMA HISTÓRIA INSTITUCIONAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

Frederico de Andrade Pontes*

Resumo :

O artigo traz reflexões sobre o potencial existente para a realização de pesquisas acerca da história institucional da Universidade Federal do Ceará. De forma resumida, busca lançar olhares sobre algumas sombras existentes nas construções narrativas da memória e história institucional da UFC, em especial as narrativas elaboradas pelo Reitor Martins Filho. Busca também refletir sobre a construção mitológica em torno da criação e dos primeiros anos de funcionamento da universidade. Compreendemos que existe um enorme vácuo historiográfico em relação à história institucional da UFC, principalmente no que se refere à uma discussão historiográfica fundamentada em conceitos caros para a nossa prática, como por exemplo: memória, história, identidade e evidência. Não obstante, o rico manancial de fontes históricas e as inúmeras possibilidades de problematizações favorecem um necessário esforço por uma história institucional da UFC.

Palavras-chave: História Institucional, Memória Institucional, Universidade Federal do Ceará.

Abstract:

This article reflects on the potential for conducting research on the institutional history of the Federal University of Ceará. Briefly, it seeks to cast glances over some shadows in the narrative constructions of UFC's memory and institutional history, especially the narratives elaborated by Rector Martins Filho. It also seeks to reflect on the mythological construction around the creation and the first years of operation of the university. We understand that there is a huge historiographical vacuum in relation to the institutional history of the UFC, especially regarding a historiographic discussion based on concepts that are dear to our practice, such as memory, history, identity and evidence. Nevertheless, the rich source of historical sources and the numerous possibilities of problematizations favor a necessary effort for an institutional history of the UFC.

Key words: Institutional History, Institutional Memory, Federal University of Ceará.

Recebido: 26/05/2018

Aprovado: 15/06/2018

* Mestre em História pela Universidade Estadual do Ceará

O Outro Lado das Memórias

Nas últimas décadas temos percebido uma grande preocupação da sociedade com a preservação de suas memórias, seja do ponto de vista institucional ou não. “Vivemos um tempo de intenso investimento em relação ao passado; está parece ser a constatação recorrente entre diferentes autores que têm se ocupado com os estudos em torno da memória e da História em nossas sociedades contemporâneas”. (GUIMARÃES, apud Oliveira, 2008, p. 22)

As razões para este investimento são variadas e complexas, podem estar ligadas, por exemplo, ao modo como percebemos o movimento da temporalidade contemporânea, que de certa forma nos traz a impressão de uma devastadora velocidade capaz de desintegrar tudo. Nesse sentido, essa busca por preservação de memória seria garantidora de uma certa estabilidade e continuidade.

Está conjuntura é reforçada por uma cultura da memória associada a um novo regime emocional da escrita histórica. Nessa perspectiva, cresce cada vez mais o interesse pelas narrativas contemporâneas acerca do passado, fomentando assim, uma série de reflexões que perpassam pela memória e a escrita da História: o que lembrar? Como lembrar? O que esquecer? Porque lembrar? O que comemorar? Quem pode escrever essa História? Que memórias devem prevalecer e porquê? Estas são apenas alguns questionamentos que podemos relacionar as narrativas histórias e as memórias.

Nas instituições, essa nova realidade não passa despercebida. Em especial, na Universidade Federal do Ceará(UFC), podemos visualizar essa preocupação memorialística com a criação do Memorial da UFC. Órgão que foi criado “considerando os esforços desenvolvidos e numerosas iniciativas em favor da consolidação do acervo documental produzido em mais de meio século, com o propósito de assegurar a sua guarda e a integridade material e reconhecendo sua importância do legado de registros históricos ainda dispersos e não sistematizados, na UFC e em mãos de particulares; e tendo, por fim, como inadiável a adoções de medidas administrativas que assegurem a preservação de um valioso acervo sob risco de perecimento”¹

Importante destacar que o Memorial, segundo a resolução, é um órgão suplementar vinculado diretamente à reitoria, e tem como órgão consultivo um conselho de curadores, formado por dois ex-reitores, quatro docentes, um servidor técnico-administrativo, um estudante e um representante da comunidade, escolhidos e designados pelo reitor.

A resolução que cria o memorial reflete uma grande preocupação com a preservação e organização dos vestígios do passado da Instituição, e também transparece a predominância de

¹ Resolução No. 01/CONSUNI, 04 de janeiro de 2007.

HISTÓRIA E CULTURAS

Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico em História da UECE.

determinado grupo da comunidade universitária no conselho consultivo que norteará o funcionamento do órgão encarregado de preservar e organizar o passado institucional.

Não obstante, sobressai a importância do reitor nesse processo, pois amiúde, as ações institucionais que dizem respeito ao passado da UFC passaram obrigatoriamente por seu crivo. Certamente essa proeminência também está ligada ao fato de que o gestor maior da Universidade tem a responsabilidade de criar e supervisionar órgãos dessa natureza.

No entanto, podemos interpretar também como uma permanência do modo de preservar e divulgar a memória e a história da UFC, dessa vez de maneira institucionalizada e sistematizada. Haja vista que boa parte da produção e divulgação das memórias institucionais está ligada aos escritos do ex-reitor Antônio Martins Filho e mais recentemente dos ex-reitores Roberto Claudio Frota Bezerra, autor de “Minha Universidade, minha história” e Renê Teixeira Barreira, autor do livro “A Universidade que vivi”.

Nessa perspectiva, nos interessa mais compreender como certas narrativas históricas institucionais foram patrimonializadas, sendo assim percebidas e naturalizadas como condição de legado e herança comum a ser preservada e transmitida de geração em geração.

Se retirarmos a historicidade dessas narrativas, perdemos a capacidade de refletir sobre as formas de pensar a memória e a escrita da própria História específicas de uma determinada época passada. Ao buscar a História da Universidade Federal do Ceará através das narrativas e memórias produzidas pelo Reitor Martins Filho, pretendemos antes de tudo compreender a historicidade dessas produções, compreender como se pensava e projetava a construção e a preservação da memória e da História institucional da UFC em vários sentidos, como por exemplo: o sentido de assegurar a legitimidade política de determinado grupo no presente.

No trabalho ora apresentado lançaremos olhares sobre possibilidades de uma História institucional da UFC, no sentido de perceber como determinadas narrativas históricas, memorialísticas e institucionais produzem sentidos, por conseguinte, evocam determinadas formas de lembrar. Estas, aos poucos, constroem uma determinada identidade institucional relacionada aos sentidos projetados por pessoas ou grupos do decorrer de um processo histórico.

As narrativas que trazem sentidos sobre a instalação e as primeiras décadas de funcionamento da Universidade do Ceará revelam importantes construções simbólicas que sobrevivem ainda hoje no imaginário institucional e alimentam uma determinada identidade que busca homogeneizar certa interpretação do passado, colocando no esquecimento os conflitos inerentes ao processo de formação institucional. “Toda instituição procura estabelecer-se a partir da consolidação de mecanismos de repetição e da supressão de seus antagonismos internos, já que busca o equilíbrio de forças necessário à sua reprodução e perpetuação.”(OLIVEIRA & ORRICO, apud Oliveira, 2008, p.109)

Uma Universidade para o Ceará: História Institucional da UFC Através das Memórias do Reitor Martins Filhos

...Não se trata de um gosto particular da minha parte pelas origens, mas assim é possível dispor de uma espécie de situação experimental; deste modo, verifica-se a possibilidade de apreender configurações a partir das quais se efetuaram bifurcações ou escolhas que poderiam não ter existido ou terem sido diferentes; em seguida, tinham sido esquecidas ou se tornaram tão evidentes que se deixou de pensar em questioná-las.(HARTOG, 2011, p. 30)

Grande parte das narrativas históricas, que possuímos conhecimento, acerca do processo de implantação da Universidade do Ceará(UC) foi produzida pelo reitor fundador Antônio Martins Filho. Em seu livro “Uma Universidade para o Ceará”, ele descreve as ações executadas e as dificuldades enfrentadas no sentido de implantar a primeira Universidade cearense.

Por outro lado, entendemos que especialmente nesse livro a “história oficial institucional narrada evoca um sistema de valores constituídos por marcas de distinção relativas ao ambiente físico, aos aspectos temporal, da antiguidade, e dos personagens eleitos para figurarem ali, que apontam para algo da ordem do construído...”(PINTO, apud Oliveira, 2008, p.74)

Segundo Martins Filho(2004), desde a década de 1940, havia demandas para formação de uma Universidade no Ceará, que ganhavam mais força à medida que se federalizavam as escolas superiores cearenses. As faculdades de Direito, Agronomia, Farmácia e Odontologia e Medicina foram federalizadas, sendo as primeiras a serem integradas à nova Universidade.

Apesar da reconhecida luta e do valoroso trabalho realizado pelas comissões que faziam parte do movimento pró-universidade, das peculiaridades locais relativas às disputas político-partidárias e das próprias relações de poder entre as escolas superiores cearenses que foram pontuadas por Martins Filho, não se pode obscurecer a influência da macro política de Educação Superior, vigente na chamada democracia “populista”².

Até 1954, existiam no Brasil 16 universidades. No intervalo de 1955 a 1964, foram criadas 21. Vale salientar que uma das principais causas para este aumento considerável tem relação com a aprovação do decreto-lei nº 8.457, de 26 de dezembro de 1945. As exigências ficaram bem mais flexíveis do que as determinadas pelo Estatuto das Universidades Brasileiras de 1931.(CUNHA, 1983, p. 95)

Em dezembro de 1954, o presidente Café Filho sancionou a Lei 2373, criando a Universidade do Ceará, que seria integrada por faculdades já existentes em Fortaleza: Faculdade

² O período de 1945 a 1964 é marcado pela efervescência de variados movimentos sociais e grande desenvolvimento econômico que trouxe melhorias em algumas áreas porém tornou mais evidente as grandes contradições sociais existentes no Brasil. É também caracterizado por governos de caráter nacionalista e desenvolvimentista que buscavam encontrar arranjos sociais e institucionais que ao mesmo tempo dessem conta das demandas dos trabalhadores e dos empresários.(Ver FERREIRA & REIS, 2007)

HISTÓRIA E CULTURAS

Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico em História da UECE.

de Direito(fundada em 1903), Faculdade de Farmácia e Bioquímica(fundada em 1916), Faculdade de Odontologia(fundada em 1916), Escola de Agronomia(fundada em 1918) e a Faculdade de Medicina(fundada em 1948).

A instalação oficial da UC aconteceu através de um ato solene no Teatro José de Alencar, em 25 de junho de 1955, contando com vários intelectuais cearenses, autoridades locais, professores e do representante do Presidente da República. Considerando as exigências legais para a criação de uma Universidade, os esforços iniciais e ações adotadas pela Reitoria foram no sentido de efetivar a incorporação da Faculdade de Medicina e a instalação imediata da Escola de Engenharia.

Ao longo dos primeiros anos de instalação, outras faculdades foram sendo integradas à Universidade do Ceará, como foi o caso da Faculdade de Economia e a Escola de Serviço Social. Apesar das diversas incorporações a UC se diferencia na forma de aglutinação das faculdades, que apesar de isoladas, quase todas não eram ainda federalizadas. No momento de instalação da UC apenas a Faculdade de Direito e a Escola de Agronomia eram federalizadas(GIRÃO & MARTINS FILHO, 1966).

Na produção dos discursos que fazem referência ao período logo anterior à instalação da UC e imediato início de suas atividades, destacam-se dois elementos discursivos que são reforçados constantemente: primeiro, a liderança persistente e inabalável do Prof. Martins Filho nesse processo político e jurídico de criação da UC e o segundo, a visão de que a criação da universidade seria um divisor de águas para o desenvolvimento do Estado. Nessas narrativas produzidas pouco se faz referência à conjuntura política nacional que aparentemente fortaleceu a efetivação da ideia de criação da UC.

Nos últimos anos da república populista (1954/1964), o ensino superior estava organizado de forma predominantemente universitária: 65% era a participação das Universidades no total das matrículas. As numerosas “federalizações” ocorridas em 1950 fizeram com que houvesse nas capitais de alguns Estados um número tal de escolas isoladas mantidas pela União que propiciava sua aglutinação em universidades. O mesmo ocorreu com as faculdades católicas, as quais foram progressivamente se integrando em universidades. (CUNHA, 1983, p.94)

Na chamada “fase heroica”, a Universidade do Ceará, contando ainda com uma estrutura administrativa insipiente, mas recebendo recursos financeiros federais consideráveis, conseguiu se estruturar administrativamente em um curto espaço de tempo. Por conseguinte, iniciou um processo de aquisições imobiliárias, criação e estruturação de novos cursos, contratação de pessoal e criação de equipamentos culturais importantes, como por exemplo a Imprensa Universitária.

As memórias do Reitor Martins Filho(1966), acerca dos primeiros anos de instalação da UC, trazem diversos temas cronologicamente organizados e selecionados de acordo com o grau de importância institucional dado pelo próprio autor. Dentre estes diversos temas dois aparecem com certa recorrência: a formação de um espírito universitário e qual relação poderia ser estabelecida entre a Universidade e o meio em qual estava inserida. São as temáticas que diretamente ou indiretamente se entrelaçam com diversos outros fatos e acontecimentos selecionados pelo Reitor Martins Filho para fundamentar sua narrativa acerca da História da Universidade do Ceará.

Já nos primeiros meses de instalação da UC ocorreram iniciativas para pensar sobre a formação de uma identidade universitária, de uma política norteadora. Já nos primeiros meses Martins Filho reuniu vários intelectuais e professores cearenses para discutir sobre a real missão da UC. “O certo é que o espírito universitário foi tomando corpo e contagiando a todos. Mestres e discípulos se foram capacitando da tarefa reservada a uma instituição universitária no Nordeste. A Universidade foi assim conquistando a adesão do povo aos seus empreendimentos. Todo Ceará, dentro de pouco tempo, como que passou a participar das suas atividades.”(MARTINS FILHO, 1966, p. 22)

Já em 1959, era realizado o primeiro Seminário Anual de Professores, que foi uma espécie de construção participativa dos preceitos estruturantes da política universitária da UC e de certa forma do próprio espírito universitário. Os professores foram convidados a refletir sobre três temas: Que é a Universidade do Ceará, por que surgiu? Que objetiva fazer? Permeando esses temas, deveria ser considerado a problemática da região e também o princípio da universalidade dos conhecimentos.

Consideramos esse momento singular tanto na construção da identidade institucional, quanto na constituição da sua própria história institucional. “Uma instituição visa estabelecer um modo de regulamentação que, depois de internalizado nas pessoas, será transmitido, reproduzido e lembrado na memória coletiva de seus filiados. Estes valores e ideias é que sustentam a identidade da instituição” (ANDRADE, 2006, p. 12).

Certamente, essas iniciativas que visavam fortalecer a institucionalização, buscavam também construir os valores e as crenças que por conseguinte seriam influenciadores da delimitação do desenho organizacional e das estratégias, ao indicarem as operações e os arranjos organizacionais colocados em prática. Além de construírem a imagem transmitida ao meio externo sobre o que se pode esperar da instituição.

A outra temática recorrente na narrativa de Martins Filho é a relação da UC com o seu meio, presente nos discursos iniciais de defesa da criação da UCe nas ações e estratégias de atuação institucional. O papel da Universidade no desenvolvimento do Ceará é uma das estratégias discursivas.

Ao analisarmos variadas narrativas de Martins Filho visualizamos tanto uma tentativa de vincular a necessidade de criação da Universidade pelo desejo do “povo” cearense, quanto da seleção das ações realizadas pela UC no seu percurso histórico, dando amplo destaque às atividades que refletiam a efetiva presença da Universidade no lugar de produtora de soluções para os problemas da sociedade.

Na realidade existe uma tentativa de sacralização de grandes valores e ideais de uma comunidade que está se formando na missão principal da instituição. Será que o “povo” cearense realmente compreendia a relevância e a importância de uma Universidade para desenvolvimento do seu Estado? Ou ao citar o termo “povo”, o reitor se refere a diminuta parcela da sociedade cearense que constituía a camada de intelectuais, autoridades políticas, empresários, estudantes e professores?

Ao analisarmos, mais profundamente, as memórias narradas por Martins Filho percebemos um riquíssimo manancial, a ser explorado, de reflexões acerca da memória e história institucional da UC. Não apenas isso, como também uma rica problematização teórica acerca dos modos de fabricação da memória, da verdade histórica e dos mitos.

Martins Filho: a Construção do Mito Fundante

“...- em suma, tudo o que se torna necessário para que uma Universidade passe a existir concretamente, mereceu a minha atenção e os meus cuidados, muitas vezes em troca de um esforço individual exaustivo.”(MARTINS FILHO, 1983, p. 09)

“No primeiro tomo de Memórias-Maioridade, sente-se a evidência do eclodir de uma vida talhada para grandes realizações...”(MONTENEGRO, apud Menezes Neto, 2004, p.47)

Apesar de trazer referências importantes para a pesquisa sobre a História institucional da Universidade, trata-se da tentativa de construção de um monumento, pois acreditamos que cristaliza uma memória em torno de um ideal de heroísmo, de resistência e de sacrifício em prol de uma causa, de um desafio quase intransponível, no caso, a implantação da Universidade. Nesse processo de construção do passado mitológico, destaca-se uma personagem, o próprio reitor Martins Filho.

“Os materiais da memória podem apresentar-se sob duas formas principais: os monumentos, herança do passado, e os documentos, escolha do historiador(LE GOFF, 1984, p. 95). Nessa perspectiva, as memórias escritas de Martins Filho tratam-se, antes de tudo, de uma montagem consciente da História da Universidade do Ceará e também de um esforço para impor ao futuro determinada imagem de si próprio.

Nesse sentido, percebe-se que essa construção mitológica reverbera na História da instituição e é preservada por diversos mecanismos da memória institucional com o intuito de reforçar esta identidade, a coesão organizacional e a manutenção de controle de determinados grupos sobre outros.

O mito cria uma cultura própria à cada organização, conferindo-lhe identidade à medida que se faz reconhecida por dado quadro valorativo. Por meio de alguns heróis, a organização passa a ter uma História de fundação, e a ela recorrerá o tempo todo, toda vez que sua legitimidade estiver ameaçada.

É importante ressaltar que a narrativa mítica pressupõe a adesão de todos, pois, na estrutura mítica, não há espaço para questionamentos ou dúvidas. A constante evocação aos começos, ao mito de fundação, marca a construção social de uma identidade organizacional. Nessa perspectiva, refletimos sobre as formas de construção dessas memórias vinculadas aos gêneros discursivos da autobiografia e da escrita das memórias.

a condição de um sujeito que narra sua vida coloca-o numa posição que é ao mesmo tempo de autor e de intérprete de si mesmo. Trata-se aqui de pontuar a distância entre o sujeito e o si mesmo que é narrado. Esta disjunção subjetiva é a condição que torna a autocompreensão uma tarefa de interpretação e transforma o sujeito numa espécie de autor-intérprete de si mesmo. Esta condição faz do auto-relato uma construção não transparente e não plenamente controlável para o sujeito, aproximando-a de um ato de criação estruturalmente análogo à ficção. Neste sentido o relato autobiográfico não representa o sujeito, mas o produz.(CARVALHO, 2003, p.299)

Compreendemos que os relatos produzidos por Martins Filho³ buscam construir uma narrativa histórica cronologicamente organizada de fatos e acontecimentos considerados importantes para a Universidade. Não obstante, esses relatos também produzem uma personagem que de certa forma transparece a própria essência da vida institucional, sendo igualmente relevante do ponto de vista da História e memória institucional.

Nesse sentido, ao pensarmos na História Institucional da UFC naturalmente vinculamos também a História de Martins Filho. Vale salientar que a preocupação memorialística esteve, aparentemente, sempre presente na vida de Martins Filho, que produziu vários textos autobiográficos e de memórias. Em relação às memórias da UFC, a sua própria gestão

³ Uma Universidade para o Ceará(1949), O Universal pelo Regional(1966), O outro lado da História(1983) e História abreviada da UFC(1996).

universitária corroborou iniciativas de registro e preservação. Para o ex-reitor Paulo Elpidio de Menezes, “desde a sua fase inicial de instalação, sentiu a Universidade Federal do Ceará a necessidade e a importância de promover o registro dos fatos e ocorrências que iriam constituir a sua História”. (MENEZES, apud Martins Filho, 1983, p.7)

De fato, percebemos, por parte de Martins Filho, a intenção de registrar e preservar momentos da vida institucional da UFC. Boa parte desses registros encontra-se no acervo do Museu de Arte da UFC/MAUC, como por exemplo, os Boletins da Universidade do Ceará.

Na época, circulando mensalmente, os Boletins tinham a intenção de registrar os principais acontecimentos da vida universitária, tendo duas finalidades principais, segundo o próprio reitor: “como órgão informativo, veicular notícias da Universidade, relativas às principais ocorrências nas Escolas e as atividades extra-curriculares; como órgão oficial, divulgar as principais deliberações do Egrégio Conselho Universitário e os atos administrativos de maior relevância.”(MARTINS FILHO, 1966, p.60)

Outro acervo importante e representativo da História institucional da UFC, são as fotos pertencentes à coleção iconográfica da UFC, onde milhares de fotos produzidas a mando do fundador da UFC, visavam preservar a História da instituição com imagens que retratassem fatos marcantes. É interessante constatar que apesar de existir variados vestígios do passado relativo à História de uma das instituições mais importantes do Ceará, é extremamente escassa a produção historiográfica acerca da UFC.

Daí surgem diversos questionamentos: será que as memórias de Martins Filho dão conta dessa história institucional da UFC? Será que não existem possibilidades de novas interpretações sobre esse passado? Porque, praticamente, apenas ex-reitores escreveram sobre a memória institucional da UFC? Existe necessidade de se produzir uma história institucional da UFC? São apenas algumas questões que surgem das reflexões acerca do passado dessa instituição e que corroboram potenciais pesquisas que tragam novas interpretações sobre a história institucional da UFC.

Por uma História Institucional da Universidade Federal do Ceará

O presente pode ser uma conclusão renovadora da trajetória anterior ou pode ser uma simples continuidade de alguma coisa da qual temos pouca consciência e pouca capacidade de intervir. Ao mesmo tempo o presente é o momento em que tomamos decisões que influenciarão significativamente na construção dos dias que virão. Pensar o passado é certamente pensar a história e pensar a história não é pensar o passado somente como coisa vivida, mas sobretudo como coisa pensada.

Aloísio Teixeira

Refletir sobre o percurso histórico da UFC significa integrá-la às condições materiais do contexto socioeconômico brasileiro, assim como interagir com as questões relativas à política de Educação Superior no Brasil. Além disso é fundamental compreender as experiências da instituição em relação à ação coletiva e também individual dos seus componentes. É preciso interpretar como os diversos aspectos da realidade social e cultural se inter-relacionam com o campo de intersecção entre a ação institucional e a ação individual.

Nessa perspectiva, entendemos que pensar a História institucional da UFC conecta-se com a análise conceitual de campo realizada por Bourdier, “o que se produz no campo é cada vez mais dependente da história específica do campo, e cada vez mais difícil de deduzir ou prever a partir do conhecimento do estado do mundo social (situação econômica, política etc) no momento. A autonomia relativa do campo sempre se realiza melhor nas obras que devem suas propriedades formais a seu valor apenas à estrutura, ou seja, à história do campo, desqualificando as interpretações que, por um “curto-circuito”, julgam-se no direito de passar diretamente do que se passa no mundo ao que se passa no campo”(BOURDIER, 1996, p. 70)

Pensar a história institucional da UFC é também pensar como a Universidade do Ceará interagiu com as mudanças na política de Educação superior, nas primeiras décadas de sua existência. Entre os anos de 1958 a 1968, ocorria uma efervescente discussão acerca da Reforma Universitária Brasileira que certamente influenciou o processo histórico da UFC através dos direcionamentos estabelecidos, como por exemplo: o Plano Atcon⁴ e a Comissão Meira Mattos⁵. Como essas e outras interações foram absorvidas dentro do campo de disputas internas da Universidade, é uma área ainda sombreada da história institucional.

É necessário aprofundar a análise do discurso histórico produzido pelo Reitor Martins Filho, assim como, as fontes documentais utilizadas. Devemos ampliar o conceito de documento, já que estes também são monumentos(LE GOFF, 2006), sendo assim suscetíveis a subjetividades e intencionalidades não expressas em sua produção, conservação, perpetuação e divulgação, sobretudo quando se trata de documentos oficiais das instituições.

Sabemos que os discursos institucionais nem sempre explicitam as divergências e contradições em confronto e evocam (quando não perpetuam) a memória de determinados grupos num contexto sócio-histórico específico. Foucault (2007) também já nos alertou para o fato de que o discurso é sempre controlado pelas instituições, que trabalham no sentido de dissimular suas próprias estratégias, selecionando o surgimento de determinadas formações e apagando outras.

⁴ Rodolph Atcon, entre junho e setembro de 1965, a convite da Diretoria do Ensino Superior do Ministério da Educação e Cultura, preconizou a implantação de uma nova estrutura administrativa universitária baseada no modelo empresarial, cujos os princípios básicos deveriam ser rendimento e eficiência.(CUNHA, 1991, p. 8)

⁵ Comissão Meira Mattos, criada pelo Governo com o objetivo de emitir pareceres sobre as reivindicações, teses e sugestões relacionadas com as atividades estudantis e propor medidas em relação às instituições de ensino.

Nesta perspectiva, não somente o que foi escrito, como também o “não dito” de que nos fala Michel de Certeau (2002) devem ser considerados como fontes, pistas ou indícios no desenvolvimento dos trabalhos relacionados à História institucional. Pode-se compreender os silêncios e seus significados a partir da análise e do entendimento do que é dito, registrado.

Em outra vertente, uma problemática que se estabelece é o lugar social dos sujeitos envolvidos. Neste sentido, documentos textuais, depoimentos orais e registros iconográficos, com os quais nos deparamos ao iniciar a análise da história institucional da UFC, devem ser analisados pelo que significam e como significam. Como materialidades de um discurso institucional, devem ser abordados como “práticas socialmente inseridas em contextos específicos.”(OLIVEIRA, 2002, p.20).

Vale salientar que em toda pesquisa histórica é necessário identificar quem são os sujeitos envolvidos e o contexto no qual se inscrevem as formações discursivas. Ao nos interessarmos por personagens de um discurso somos levados à noção de estratégias discursivas, que devem ser entendidas como “a maneira como o sujeito falante tenta se apoderar do papel que lhe convém e atribuir aos seus interlocutores os papéis que escolheu para eles.” (PROST, 1996, p.321)

Refletir sobre a História institucional da UFC, quando de suas primeiras décadas de funcionamento, nos leva a problematizar as memórias de Martins Filhos e percebê-las como documentos de um recorte da história institucional da UFC. Para melhor compreender esses documentos, é fundamental incorporar novas fontes no sentido de possibilitar novos olhares e novos significados para uma realidade pretensamente conhecida e legitimada.

Novos indícios levam-no a outros caminhos, podendo nos desviar dos conceitos e verdades que se perpetuam ao longo dos anos e que estão cristalizados nas narrativas institucionais. A memória, dessa forma, está diretamente ligada às operações de controle de alguns grupos sobre outros. A evocação da memória também está vinculada a um tempo presente. Mesmo remetendo a uma lembrança do passado, não podemos esquecer que é a necessidade presente que norteia a evocação memorialística.

Ao reivindicarmos uma história institucional para a UFC, dois conceitos são fundamentais, memória social e identidade institucional. É preciso refletir de que forma os discursos institucionais produzem sentidos, que, por sua vez, evocam determinadas formas de lembrar que constroem, paulatinamente, uma determinada identidade institucional ligada aos sentidos pretendidos por grupos no decorrer de um determinado processo histórico.

Acreditamos que a percepção dos mecanismos de criação e consolidação das instituições de ensino superior no Brasil é um aspecto importante para maior entendimento das funções que

historicamente foram atribuídas às nossas universidades, de suas dinâmicas de funcionamento e também de suas contradições, disputas internas, a natureza de sua constituição, as relações de poderes entre diversos grupos que se formam em seu interior, enfim, elementos que definem sua própria trajetória histórica.

Por fim, entendemos que a Universidade Federal do Ceará pode ser um importante objeto de reflexão histórica acerca de variados conceitos como memória, identidade e instituição. Apesar de sua importância estratégica na história de educação superior no Ceará e em outras áreas correlatas, a UFC ainda é um objeto de estudo histórico pouco explorado. Os temas e os problemas expostos nas primeiras partes desse trabalho são apenas algumas possibilidades de pesquisa que nascem das zonas ainda obscuras desse rico manancial histórico institucional. Considerando o exposto, compreendemos que é necessário realizar um esforço por uma história institucional da UFC.

Bibliografia

ANDRADE, T. de O. **Memória e história institucional: o processo de constituição da Escola Superior de Agricultura de Lavras - ESAL - (1892-1938)**. Dissertação (Mestrado em Administração). Universidade Federal de Lavras. Lavras, 2006.

CUNHA, Luiz Antônio. **Universidade Crítica: O Ensino Superior na República Populista**. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1983.

_____. **A Universidade Brasileira em Busca de sua Identidade**. Petrópolis, Vozes, 1997.

_____. **A Universidade Temporã: O Ensino Superior da Colônia à Era Vargas**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2007.

GIRÃO, Raimundo; MARTINS FILHO, Antônio. **O Ceará**. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1966.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. **“História, Memória e Patrimônio”**. In: Antônio José Barbosa de Oliveira (Org.). **Universidade e lugares de memória**. Rio de Janeiro, UFRJ/SiBI, 2008. p.17- 40.

HISTÓRIA E CULTURAS

Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico em História da UECE.

LE GOFF, Jacques. **Memória-História**. In Enciclopédia Einaudi. V.1. Verbetes “História”, “Memória”, “Documento/Monumento”. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984.

HARTOG, François. **Evidência da História: o que os historiadores veem**. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2011.

MARTINS FILHO, Antônio. **O outro lado da história**. Fortaleza. Edições Universidade Federal do Ceará, 1983.

_____. **Uma Universidade para o Ceará**. Fortaleza. Imprensa Universitária: 2004.

_____. **O Universal pelo Regional**. Fortaleza. Imprensa Universitária: 1966.

_____. **História abreviada da UFC**. Fortaleza. Imprensa Universitária: 1996.

OLIVEIRA, Antônio José Barbosa de. Memória; ORRICO, Evelyn Goyannes Dill. **Discursos e Instituições: entre caminhos e fronteiras**. In: QUEIROZ; Andréa Cristina de Barros;

OLIVEIRA, Antonio José Barbosa de (Org.). Universidade e lugares de memória II. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2009. p.109-130.

PINTO, Diana de Souza. **Memória, Discurso e Instituições**. In: OLIVEIRA, Antonio José Barbosa de (Org.). Universidade e lugares de memória. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro; Fórum de Ciência e Cultura; Sistema de Bibliotecas e Informação, 2008. p. 63-79.

PROST, Antoine. **As palavras**. In: RÉMOND, René. (Org.). Por uma história política. Rio de Janeiro: UFRJ : FGV, p. 295-330, 1996.